

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES



C. M. B.
BIBLIOTECA

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - R/c

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Poder-se-á auferir cultura através da imprensa?

É uma pergunta para a qual toda a gente tem mais ou menos uma resposta. E qual será, caros leitores, o conceito que terão de «cultura por jornalismo»? É bom de ver que a função predominante do jornalismo é investigar, desvendar, penetrar no labirinto da vida e dela arrancar a agitação da sociedade e dos políticos com os mais variados e bizarros cenários.

Sim! Todos sabem que o jornalista é o homem que vai até ao âmago do pormenor para testemunhar nas colunas do seu periódico os mais específicos comentários, as mais invisíveis minudências...

Realmente a função do jornalista dos grandes jornais é, sem dúvida alguma, descobrir notícias, dar-lhe efeitos e exageros, arrastando o leitor ao desejo ardente de saber o que se passa longe da sua casa e dos seus...

Pois bem! O homem que labuta um dia todo, rodeado das preocupações contingentes da vida, sente prazer quando olha através do mundo das letras dispersas nas folhas de papel... O jornal vai-o afastando das suas preocupações constantes e leva-o ao mundo dos anseios, das dúvidas, das promessas, das agruras e da infelicidade dos outros... E, pensando bem, auscultando o seu «eu» ele vê que ainda não é infeliz de todo...

Mas o pequeno jornal, de pensamento condicionado e verba restricta, tem, ou melhor, deve ter, uma preocupação tangencial — a de levar ao espírito do trabalhador matéria profícua de informação e cultura.

Mas, caros leitores, para que cada um de vós possa gostar deste ou daquele jornal é

PORTUGAL

*Maior do que nós, simples mortais, este gigante
foi da glória dum povo o semideus radiante.
Cavaleiro e pastor, lavrador e soldado,
seu torrão dilatou, inóspito montado,
numa pátria... E que pátria! A mais formosa e linda
que ondas do mar e luz do luar viram ainda!
Campos claros de milho moço e trigo loiro;
hortas a rir; vergéis noivando em frutos de ouro;
trilos de rouxinóis; revoadas de andorinhas;
nos vinhedos, pombais; nos montes, ermidinhas;
gados nédios; colinas brancas olorosas;
cheiro de sol, cheiro de mel, cheiro de rosas;
selvas fundas, nevados píncaros, outeiros
de oliveais; por nogais, frautas de pegureiros;
rios, noras gemendo, azenhas nas levadas;
eiras de sonho, grutas de génios e de fadas;
riso, abundância, amor, concórdia, juventude;
e entre a harmonia vergiliana um povo rude,
um povo montanhês e heróico à beira-mar,
sob a graça de Deus a cantar e a lavar!
Pátria feita lavrando e batalhando: aldeias
conchegadinhas sempre ao torreão de ameias.
Cada vila um castelo. As cidades defesas
por muralhas, bastiões, barbacãs, fortalezas;
e, a dar fé, a dar vigor, a dar o alento,
grimpas de catedrais, zimbórios de convento,
campanários de igreja humilde, erguendo à luz,
num abraço infinito, os dois braços da cruz!*

GUERRA JUNQUEIRO

necessário, que este ou aquele tenham assuntos que vos apaixonem... É sempre difícil arranjar matéria que satisfaça cabalmente a todos. Mas, dentro das nossas limitadas possibilidades, quer de tempo, quer de cultura, parece-nos que vamos trilhando o bom caminho.

Temos tido boa vontade em acertar. Temos dispendido algum esforço intelectual e temo-lo feito com entusiasmo e paixão...

Claro está que haverá sempre os descontentes, os detractores, aquela espécie de fauna que vive do boato, se serve da

intriga, procurando destruir o que a boa vontade e o trabalho honesto têm sabido manter...

O jornal pode ter, se nós quisermos, esta ou aquela directriz; mas o que é certo e visível é que o jornal tem de surpreender o espírito do público. Se assim não acontecer, o jornal terá o seu rumo desfeito... E nós não queremos afastar-nos do nosso único e verdadeiro rumo:

— Levar às vossas casas a mensagem do nosso espírito e da cultura que a civilização criou...

W.

Da História de Barcelos

É lamentável que a história da nossa terra seja por vezes tão pouco conhecida, como lamentável é que sejam ignoradas as suas obras de arte e muitas das suas belezas naturais. Sabemos como é baixo o nível de cultura da maior parte da classe operária, mas é desolador realmente que se passe com absoluta indiferença pelas pedras velhinhas de tantos monumentos ainda activos ou já arruinados, pelo desgaste impiedoso do tempo.

A poucos interessa saber a história desses padrões de glória da nossa Pátria, como a poucos interessam também as histórias de tantos homens que se ergueram como gigantes a defender a terra, as crenças e as ideias que fizeram grande a Nação portuguesa.

É certo que o espírito anseia sempre por novidades, sobretudo por aquelas novidades sensacionais que revolucionam a sociedade e os seus costumes, mas é nas tradições da vida antiga dum país que se colhem as mais belas lições e os mais nobres exemplos duma vida sã e duma vida recta.

Barcelos, a nossa terra, é uma vila dos primeiros tempos do alvorecer da Nacionalidade Portuguesa. Dela fala a História porque muitos dos seus filhos honraram a Pátria. Testemunhas dum passado de grandeza são os seus velhos monumentos; testemunha dum passado de trabalho activo é o seu desenvolvimento actual.

Barcelos, pequenina embora, é já um grande meio industrial, onde os operários se podem contar por centenas. Famílias inteiras devem o seu bem estar ao trabalho que encontram nas fábricas.

Porém é com orgulho que os barcelenses, podem volver os olhos ao seu passado histórico e é com respeito que devem admirar as velhas casas, as antigas igrejas e as esbo-

À GUIZA DE EXPLICAÇÃO

(Continuação da página 8)

fundo; não lhe pedimos que abandone a linguagem chã e pura herdada dos seus avós.

Não queremos, em resumo, elevá-lo num ápice aos píncaros duma cultura, que teria de ser falsa e superficial, tornando-se portanto ridícula.

O nosso objectivo é simplesmente procurar interessá-lo por esses problemas, conseguir que quando essas definições, conceitos ou palavras, mais tarde lhe surjam, ele as recorde, e a ideia principal e dominante lhe ocorra.

Queremos que ele vá aprendendo e fixando pouco a pouco, criando assim alicerces fortes para uma cultura que não será profunda, bem o sabemos; e nem temos a veleidade de a conseguir, segundo penso; mas sim a suficiente para poder ajudá-lo a elevar o seu nível de vida.

É isto que pretendemos e que havemos de conseguir. Pode ser que o caminho seja árduo, e tenhamos que lutar com a incompreensão de muitos, mas estamos prontos para enfrentá-lo e defendermo-nos.

X.

Este número foi visado pela Censura

roadas ruínas das suas vetustas muralhas e castelos. Interessante será, porém, recordar, um pouco, desse passado que se vai esfumando nas brumas dum tempo longínquo...

Hoje aproveitamos de vos falar sobre a origem da cidade de Barcelos e do seu próprio nome, indo buscar essas informações à resenha-histórica-pitoresca-artística-Barcelos, da autoria dos dignos, ilustres e doutos senhores Major J. A. Mancelos Sampaio e Augusto Soucasaux, dois vultos de respeito que a nossa geração deve admirar e venerar.

Vamos mesmo transcrever algumas passagens desse precioso volume, para não tirarmos a essas descrições o brilho da linguagem e um característico cunho pitoresco, que mais leve tornam, este monótono assunto, dum passado remoto, a que muito poucos ligam valor.

«As tribus do território peninsular — de fundo cultural humilde e atrasado — viveriam mesmo muito isoladas e do estreitamento de relações entre elas foram iniciadores os cartagineses no século III a. C. completando a tarefa os romanos. O *modus vivendi* dos habitantes, ao tempo da influência cartaginesa e resultante da falta de paz e segurança que os textos acusam na Lusitânia

APONTAMENTOS para a História da Poesia

(Continuação da página 8)

as amarguras e anseios da sua alma.

A filosofia, ou melhor, a filosofia do poeta, retemperada na tristeza e na alegria, na amizade e na afronta dos que o odiavam e perseguiram, é bem um écran movimentado que, de geração em geração, se mantém até nossos dias.

Há duas essências no perfume espiritual do nosso lírico, do nosso épico, do nosso soldado... — a saudade e a esperança. Fazemos correr estas duas linhas ao longo da sua vida; e a sua obra será, por força dos fados e da própria vida dos homens (da inveja e da calúnia), aquela que há-de continuar a iluminar, quer na forma, quer na ideia, todos quantos eivados por inspirações sinceras sabem descrever, com verdades eternas, todo o seu panorama interior, sem inactivas doências e desoladoras.

(Continua no próximo número)

LEIA E DIVULGUE O Boletim Social da TEBE

Um jornal de trabalhadores para trabalhadores

nia pre-romana, seria o dos *castros* refugiando-se nossos arquívos nos montes e outeiros, encerrando as habitações rudimentares em entrancheamentos com seus fossos, muralhas ou atêrros, e em redor de Barcelos havia destas povoações fortificadas das quais restam vestígios claros como por exemplo no monte de Rôriz, a uma légua escassa para o nascente. Ferrero (*Grandeur et décadence de Rome*) diz a Ibéria = virgem timorata que se refugiava nas suas montanhas selvagens. =

É razoável portanto a conjectura de que, quando os cartagineses invadiram a península — começando para esta as eras conhecidas (Oliveira Martins, *Taboas de Chronologia*) — ainda Barcelos não existia; quando muito encontraram, aproveitado pelos habitantes dos castros próximos no seu intercâmbio de vida, o morro sobranceiro ao Cávado como ponto de apoio para transposição de margem para margem e aperfeiçoarem essa escolha — civilizaram-na — estabelecendo uma *barca de passagem*, porque o étimo que hoje, em obediência às modernas regras glotológicas, parece mais seguro para a palavra Barcelos é *barc-ellus* no significado de pequena barca (Gomes Pereira, *Tradições populares de Barcelos*). Barca é termo fenício e os cartagineses originariamente fenícios eram».

Homens & Factos de Outrora

(Continuação da página 8)

Filipa Borges e Afonso Vicente.

Enviuvando, Luís Vicente passou a residir com os filhos em Lisboa, onde já se encontrava seu irmão Gil Vicente, ourives da Rainha D. Leonor, autor da Custódia de Belém fabricada com o primeiro ouro vindo das páreas da Quilôa, e Mestre da Balança da Casa da Moeda.

Teríamos assim, segundo Sanches de Baena, dois Gil Vicente notáveis e coetâneos.

Um o ourives, outro o autor genial dos «aytos a el-Rei», sobrinho daquele.

Ora foi exactamente a coincidência de dois homónimos ilustres, vivendo na mesma época, ambos recebendo os favores do Rei sem que os vários documentos oficiais

que se lhes referiram fizessem a distinção de qual o ourives, qual o poeta, que levou Bramcamp Freire a bater-se desde a primeira hora pela identificação, e mais tarde o professor Queirós Veloso na sua colaboração para a «História da

Literatura Portuguesa Ilustrada».

Mas as fantasias de Sanches de Baena principiam a esboçar-se.

O general Brito Rebelo, dos mais probos e conspícuos vicentistas, encontrou o recibo dos 20.000 rs, que D. Manuel I mandou pagar a Gil Vicente para auxiliar o casamento de sua irmã Filipa Borges.

Nesse documento Gil Vicente identifica-se como *mestre da balança*.

E aí temos esta Filipa Borges, irmã do poeta pelas congeminções do visconde, transformada em irmã do ourives por um documento a que foi atribuído pelos biógrafos de Gil Vicente todo o crédito, como não poderia deixar de ser tratando-se de documento oficial.

Sanches de Baena afirma ter baseado a genealogia do poeta em documentos encontrados na Torre do Tombo uns, e outros em cartório particular.

O já citado Bramcamp Freire, em «GIL VICENTE TROVADOR MESTRE DA BALANÇA», livro na expressão do Dr. Queirós Veloso fundamental para a biografia de Gil Vicente, dá-nos conta do valor desses documentos.

Principia por emitir o seu juízo sobre o linhagista, deste modo:

«A psicologia deste homem era curiosa. Boticário, não

empregou nunca o nitrato de prata para fazer uma limonada de nitro; comerciante, não deixou jamais protestar uma letra; cidadão, cumpriu com todos os deveres cívicos.

De tudo isto estou certo, mas também tenho a certeza de que, escrevendo genealogias, foi de uma audácia poucas vezes igualada.»

E mais adiante continua analisando o trabalho de Baena:

«Declara o seu autor haver-la fundado em nobiliários dos séculos XVII e XVIII, corroborados com documentos.

Estes são de duas proveniências: uns existentes na Torre do Tombo; outros pertencentes a um cartório parti-

cular. Examinemos alguns dos primeiros e o que deles extraiu Sanches de Baena.

«O documento V, página 54, é o processo de habilitação do padre Vicente Fernandes, processo guardado no Cartório do Santo Offício,

maço 1 (de Vicentes) diligência 8. Em seguida a esta citação passa o autor a extrair o processo e declara-nos haver nele encontrado o seguinte, que resumirei:

O padre Vicente Fernandes, maior de cinquenta anos (é engano, era maior de trinta), natural de Guimarães, foi em 1609 aprovado para familiar do Santo Offício (outro engano, ele foi aprovado para escrivão do comissário daquele tribunal em Guimarães). Era o padre filho de Gonçalo Fernandes, alfaiate, e de sua mulher e *prima* Ana Alvares; neto paterno de Violante Pires e de Gonçalo Pires, que morreu na ilha da Madeira (foi para uma das ilhas e lá faleceu, é o que dizem as testemunhas); neto materno de Alvaro Fernandes, serralheiro, e de Brites Pires; bisneto pela avó Violante, de Vicente Afonso, natural de Guimarães, e de Cecilia Gonçalves, da mesma naturalidade de seu marido; bisneto pelo avô Gonçalo, de Pero Fernandes, lavrador em Guimarães (aliás no casal de Souto de Versas, freguesia dos Gémeos) e de Margarida Brás; bisneto pelo avô Alvaro, de Pero Fernandes, lavrador acima, e de Margarida Vaz; bisneto, finalmente, pela avó Brites, de



Gil Vicente

Afonso Pires, que era sapateiro em Guimarães (o documento não diz com quem era casado).

O documento não diz com quem era casado!

O documento não nomeia o Alvaro Pires, nem nenhum dos outros cujos nomes puz em itálico!

Dos visavós do padre Vicente Fernandes, as oito testemunhas que depuseram na informação, apenas nomeiam Pero Fernandes e Margarida Brás; os outros cinco... não estão lá.»

E Bramcamp Freire prossegue no exame a outros documentos mistificados por Sanches de Baena, para concluir:

«Ora quando Sanches de Baena fantasia por esta forma sobre documentos que estão, por assim dizer, públicos, que qualquer pode ir examinar ao Arquivo Nacional, até que ponto nos é lícito supor se exerceria a fértil inventiva do genealogista extractando documentos particulares, cuidadosamente aferrolhados?»

A partir daqui, a reputação de Sanches de Baena, como linha-gista, corre as ruas da amargura.

O Dr. Teixeira Rego, tratando de Bernardim Ribeiro na História de Portugal, edição da Portucalense, refere-se-lhe nos seguintes termos: «Os apresentadores dos documentos em questão (Baena e Nicolau Florentino) gosavam da peor fama, entre os investigadores.

Já a propósito de Gil Vicente tinham sido surpreendentes em várias mistificações, denunciadas por Brito Rebelo, Bramcamp Freire e outros».

A propósito da mãe de Gil Vicente, que deu lugar às minhas mal notadas regras, e cujo verdadeiro nome se ignora ainda, apenas se supondo que tivesse o apelido Borges visto sua filha o usar também, diz-nos o erudito e saudoso Dr. Teotónio da Fonseca, no seu livro «O Concelho

O Frio

O Fevereiro, este ano, enregelado e fustigante, deixou nos nossos sentidos uma impressão desagradável e álgida.

Por toda a Europa as avalanches de neve e a perda de vidas tornaram sinistro este mês de Fevereiro, que se foi.

O frio e a fome, flagelos de hoje e de sempre, continuarão sempre a fustigar a humanidade sofredora enquanto os homens senhores não abrirem os olhos e descerem aos tugúrios da miséria e arrancarem de lá a fome e a dor, o frio e o desespero...

Só então, quando estes problemas, que ferem os sentidos e as almas forem estudados, o homem caminhará, rumo em frente, com a certeza perene que o futuro lhe abre os braços.

de Barcelos Aquém e Além-Cá-vado», e na notícia relativa a Creixomil, não conhecer documento algum que o leve a seguir a opinião que Filipa Borges fosse do Creixomil de Barcelos.

E objecta, com certo humor e muito bom senso, que teria ela «outro Creixomil junto aos muros de Guimarães para nascer e o ourives daquela vila, ali à porta de casa, mulher para casar».

A verdade é que muitos dos pontos da biografia de Gil Vicente continuam impenetráveis.

Não passam de conjecturas dos investigadores vicentistas a data do seu nascimento, a terra da sua naturalidade. Guimarães é a que reúne maior número de sufrágios dos seus biógrafos, pelo facto do *Nobiliário* de D. António de Lima que foi contemporâneo de um filho de Gil Vicente, o dar como natural daquela cidade.

Outros, porém, pela linguagem do poeta e ainda pelo profundo conhecimento que Gil Vicente nos seus autos mostra ter das coisas da Beira, inclinam-se

Cobrança das Assinaturas

Por absoluta falta de tempo ainda nos não foi possível enviar os recibos à cobrança, do que pedimos desculpa.

Entretanto lembramos que era favor procederem ao pagamento das respectivas assinaturas e, se possível, por envio de vale do correio.

A todos os nossos queridos assinantes, que responderem a este apelo, os nossos agradecimentos.

para que ali houvesse nascido ou, pelo menos, ali permanecesse durante os primeiros anos da sua vida.

A contar para esta hipótese aduz-se ainda a circunstância de no *Auto da Fama*, ser a fama portuguesa representada por *uma mocinha da Beyra*.

Seja como for, de Guimarães ou das fraldas da Serra da Estrela, o irrefragável é a glória de ter nascido em Portugal, no meio do povo; falou à sua linguagem e com ele se identificou, para, por seus reais méritos, subir à corte de El-Rei e, dali, sem clemência, fustigar frades devassos, juizes peitados, onzeneiros, proxenetas e toda uma fauna dos primórdios do século XVI, da qual, o glorioso dramaturgo, a poucos mais que ao parvo, visou passaporte para o Reino dos Céus.

Décio Nunes

(1) Bramcamp Freire: (Gil Vicente Trovador Mestre da Balança).

(2) Queirós Veloso: (História da Literatura Portuguesa Ilustrada).

Tracção humana

A história repete-se. Eis uma verdade que de ontem até hoje ninguém desconhece, ninguém ignora.

E a história repete-se, por vezes, de maneira tal que nos assusta e nos aterra ver ainda, em nossos dias, o homem reduzido à animalidade.

Por ruas e becos, por montes e vales, o homem continua reduzido à sua insignificância, curvando-se, dia a dia, hora a hora, para a terra-mater que o chama.

Carros puxados pela besta humana deambulam pelas artérias centrais das grandes metrópoles. A falta de trabalho e a necessidade imperiosa de contribuir, fisiologicamente, para a manutenção do corpo, o homem desce, por razões contingentes da própria vida, à animalidade, adaptando-se à carroça.

E os seus membros adaptados à vanguarda duma carroça arrastam pesos e volumes que só à besta deveriam ser puxados.

Contudo esta verdade salta a nossos olhos com um realismo sempre actual, sempre triste, tão desumano como bestial.

Contrariar este homem a mudar de rumo só pode admitir uma promessa...

Contrariar esta mulher a abandonar a carroça só pode admitir outra promessa...

E os carros continuam a passar pelas ruas da cidade, arrastados pela tracção humana, duma maneira confrangedora, cuja solução, por hipotética, se encontraria no futuro...

LEIA E DIVULGUE O

«BOLETIM SOCIAL DA TEBE»

Um jornal de trabalhadores para trabalhadores

Fábrica Barcelense

DE

João Duarte & C.^a L.^{da}

é a fábrica do bom gosto ao serviço dum Portugal maior

As peúgas desta casa têm um acabamento inconfundível

Fábrica de Malhas do Ameal, L.^{da}

As meias de NYLON e seda que a mulher distinta calça são exclusivo desta fábrica modelar

Bom gosto, distinção e esmerado acabamento são o atributo destas meias de grande duração

A Vidraria Barcelense

tem à disposição de todas as bolsas e de todos os gostos os mais variados e modernos tipos de louça a preços sem competência.

L.ª da Porta Nova — BARCELOS

DISTRACÇÃO...

FENTENDEMOS por distração tudo quanto desvia o espírito das apreensões constantes do trabalho, dos cuidados pesados e da responsabilidade tremenda dos muitos encargos que a vida põe sobre os nossos ombros.

Preocupa-nos o nosso trabalho com o receio de o não fazermos bem ou de, muitas vezes, de ele não ser devidamente apreciado; preocupa-nos o trabalho porque, do êxito dele, depende o nosso bem estar e o daqueles que nos são queridos e cujo futuro, está, nas nossas mãos...

...O operário, chega ao fim do dia, verdadeiramente cansado, pelas suas oito horas de trabalho, pelas caminhadas e madrugadas grandes, que é, muitas vezes, obrigado a fazer, e, ainda, por uma alimentação pobre.

Pois bem, esse operário, precisa de descansar, é certo, mas, como é um homem, e, como tal, tem uma alma, precisa também de distrair-se, de aliviar o espírito, de levantar os olhos e as ideias a planos mais altos. A sua vida necessita de um pouco de alegria e de variedade, que quebre o ritmo monótono dos dias inteiros e consecutivos metidos numa fábrica. Pena é, porém, que muitas vezes seja a taberna o refúgio, da nossa gente, e o seu ponto de reunião.

O «Boletim Social da Tebe», gostaria de ajudar os operários a saberem distrair-se, e gostaria, ao mesmo tempo, de ser para eles uma fonte de recreio, de conhecimentos e educação social.

Gostaríamos, que o «Boletim Social da Tebe», fosse, para os operários, um amigo, que divertisse e um companheiro leal que os ajudasse a penetrar, suavemente, em ambientes mais elevados da cultura, da política e das artes. Para isso precisaríamos de ter, em cada operário, não um crítico, que de tudo desdenha, mas um colaborador que, até

CARNIVAL

...Chegou a altura em que todos podem rir, brincar e divertir-se de qualquer maneira, porque nestes dias, tudo, quase, é permitido. É realmente interessante o espectáculo raro, de ver sisudos senhores e senhoras, que um ano inteiro se apresentam impecáveis, nesses dias brincarem e divertirem-se, estouvadamente, como qualquer garotinho, a quem a Mãe dá liberdade absoluta, de fazer, quanto lhe apeteça.

...Que diriam muitos meninos se lhes fosse dado verem, seus pais, à vontade, numa festa de carnaval?...

Por quantas coisas eles não seriam capazes de repreender os pais, com a sua ingenuidade, boquiabertos, ante tal espectáculo de confusão, de barulho, de palhaçada.

Que juízo fariam, as pobres crianças, ao ver toda aquela franca alegria, aquele estonteante redemoinho, em que os «papás» perdem o ar grave de educador e as Mães, deslocadas do ambiente pacato do lar, trocam o meigo sorriso de todas as horas, pelo rir espalhafatoso duma noite? Que pensariam, esses pequenitos, da gente grande, que, um ano inteiro, lhes ralha para que não falem de mais, nem riam toalmente, nem estraguem as roupinhas, e que, nessas festas de Carnaval, se portam, mil vezes pior do que eles, os pequeninos, todo o ano!...

...Muitas vezes se tem dito se as pessoas serão, o que na verdade parecem nos doze meses do ano, ou o que mostram ser, nos três dias de Carnaval... Realmente, ocasiões há, em que é difícil sabê-lo.

O Carnaval, porém, é, às vezes, uma necessidade psicofisiológica, porque toda a gente tem uma tendência natural para reviver as sensa-

nós, trouxesse os seus anseios, os seus problemas e as suas dúvidas.

Operário da Tebe, oferecemos as páginas do nosso Boletim. Dizei-nos o que vos interessa, o que mais apreciáis, o que gostaríeis de saber ou o que desejais para vos distraídes nas horas de descanso.

Todo o nosso trabalho será recompensado quando receberdes, com prazer, o vosso Boletim Social.

Luis Manuel

ções dos tempos de criança, apreciando, com delícia, brincadeiras inocentes...

...Os dias e os meses passam-se num longo e, por vezes, penoso caminhar, entre trabalhos e prazeres, alegrias e apreensões. A mistura de tudo isto é a vida, que tanto apreciamos e à qual tão fortemente estamos apegados.

Há pois três dias, para esquecer apreensões e trabalhos, e ser um pouco criança, novamente...

Mas, cuidado, como às crianças acontece, também, há brincadeiras que acabam em choros e quantas, até, em desgraças irremediáveis.

É necessário que a alegria dessas festas seja sincera, natural, espontânea e não uma falsa alegria apenas para encobrir atitudes e actos pouco dignos, para os quais, nem o próprio Carnaval dá liberdade...

O Carnaval será animado e compensador, se, depois dele acabado, na consciência nada pesar. É necessário que aquela alegria estridente não macule a alma, nem deixe algum travo amargo de remorso, para que tenha sido verdadeiramente agradável.

Infelizmente há muita gente que não tem o direito de ter

Veloso de Carvalho

Deste nosso grande amigo e consagrado escritor recebemos sinceros aplausos quanto ao valor e divulgação do nosso «Boletim».

Pelas palavras amigas que nos dirigiu os nossos sinceros agradecimentos.

Como sabemos que, em breve, vai seguir para terras do nosso irmão Brasil, desejamos-lhe sinceramente, uma óptima viagem.

liberdade, nem para divertir-se, porque não a sabe aproveitar como deve. Só os espíritos bem formados, as vontades enérgicas e as almas educadas dentro de sãos princípios, é que têm autoridade para serem livres, porque razão nenhuma, os fará, nunca, desviar do caminho do dever.

Se todos soubessem ocupar o seu verdadeiro lugar e comportar-se dignamente, o Carnaval seria realmente, alegre, e essa alegria deixaria nos corações uma sensação agradável e reconfortante. Essa alegria colectiva seria uma fonte geradora de novos ânimos para a continuação dos trabalhos, das apreensões e dos graves cuidados da Vida...

INDIFERENÇA

Eu queria abraçar a imensidade,
Ser Sol e aquecer a todo a gente,
Ser perfume e ser luz... suavidade,
Cantar a vida, em versos, docemente!

Eu anseio o amor; mas com doçura,
E tenho, do passado que vivi,
Só gargalhadas loucas de ventura,
Na minha alma que sente e que sorri...

Eu qu'ria chorar lágrimas ardentes,
Sentir a mesma fé de tantos crentes,
E amar, amar assim... amor profundo...

Eu quero só esp'ranças e harmonias,
Horas de sonho e amor, em melodias,
E rir-me então assim... assim, do mundo.

Ana do Espírito Santo

Barcelos/1954

AJUDAI O

CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Traços da física, da química e das ciên- cias naturais

Pelo Dr. A. R.

Depois de alguns meses de ausência, cá estamos novamente a reatar a nossa explicação que, por razões contrárias aos meus intentos, tive de deixar para trás.

Vamos dar hoje algumas noções sobre GRAVIDADE

Que entenderão os meus queridos leitores por gravidade? Gravidade é uma força que chama os corpos para o centro da terra. É, por outros termos, uma consequência da *gravitação* ou força de atracção universal descoberta pelo grande físico Newton.

Dá se formou uma lei, que os compêndios designam por lei da atracção universal e cujo enunciado é o seguinte:

A matéria atrai matéria na razão directa das massas e no inverso do quadrado das distâncias.

Direcção da gravidade—FIO DE PRUMO

Fundamentados neste princípio e na hipótese de que a terra é redonda (esférica) diremas que a resultante de todas as atracções de seus pontos sobre qualquer corpo passa pelo centro da terra o que justifica a definição de gravidade acima mencionada.

Pela concepção dos enunciados de Newton se conclue que não é apenas a terra que atrai todos os corpos que se encontram na camada esférica da sua acção, senão que também estes exercem sua acção sobre ela. É, como vemos, uma força recíproca a gravidade, que se não torna apreciável senão para a terra, em consequência da massa desta ser grande relativamente à dos demais corpos do nosso planeta.

Se abandonarmos um corpo sobre a terra, a linha que ele seguir dá a direcção da *gravidade*.

Estando um corpo suspenso por um fio constitue o fio de prumo. A sua direcção chama-se vulgarmente a *prumada* ou linha vertical.

O plano que lhe é perpendicular chama-se plano horizontal.

Centro de gravidade

O Ponto de aplicação da força da gravidade, isto é, do peso, chama-se centro de gravidade.

Se o corpo é homogéneo e tem centro de figura, o centro de gravidade é este ponto. Portanto:

O centro de gravidade duma recta está no meio desta. O centro de gravidade de uma circun-

Vilas & Vilas

UM NOME QUE PORTUGAL INTEIRO CONHECE

Agentes das conceituadas firmas:

Fábrica de Malhas Tebe

João Duarte & C.^{da}, L.^{da}

A/BB. A. HJORTH & C.^a

Monumento ao Bombeiro Voluntário

A ERIGIR EM BARCELOS

Da Comissão Executiva do Monumento ao Bombeiro Voluntário recebemos o programa que abaixo publicamos, ficando inteirados da imponência e da beleza que essas solenidades terão.

De conformidade com a solicitação expressa numa circular que recebemos, noutra local faremos algumas considerações, que nos parecem justas e oportunas.

PROGRAMA:

Às 8 horas: Alvorada festiva com salva de morteiros e músicas.

Às 10 horas: Recepção a membros do Governo, Prelado, Entidades Officiais e Corporações de Bombeiros, junto à Torre de Menagem.

Às 10,30 horas: Solene Missa Campal celebrada por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz, no Campo da Feira.

Às 11,30 horas: Cerimónia inaugural do Monumento ao Bombeiro Voluntário, procedendo-se nesta ocasião à colocação da Medalha Comemorativa da inauguração em todos os Estandartes das Corporações de Bombeiros presentes.

Às 13 horas: Almoço oferecido nos Paços do Concelho aos convidados de honra e no Parque da Cidade aos componentes de todas as deputações de Bombeiros.

Às 16 horas: Grandioso Desfile de todas as Corporações, que em saudação à cidade formará em continência em frente aos Paços do Concelho, onde estará todo o Elemento Oficial, seguindo depois em direcção ao Monumento inaugurado com homenagem ao Bombeiro Voluntário.

À noite: Festival Popular abrilhantado com músicas e fogos de artifício, na Avenida Dr. Oliveira Salazar.

FIL

Um nome grande a fiar

para um Portugal maior

Alberto Leal

Deste nosso querido assinante, sócio da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto e Assistente Cultural dos «Amigos de D. António Barroso» recebemos para pagamento da sua assinatura a quantia de Esc. 20\$00, que reverterão a favor das nossas actividades. Bem haja pois.

ferência, círculo, esfera, elipse, elipsoide, etc., está nos seus centros. O de um cilindro está no meio do seu eixo.

No próximo número daremos, em síntese, os preliminares do equilíbrio dos corpos.

Indústrias Caseiras

Aproveita todos os momentos livres da tua vida

Sabes fazer conserva de laranjas? Se não sabes aprende:

Escolham-se as laranjas, limpem-se e piquem-se pelo meio. Metam-se em água fria, levem-se ao lume para amolecer e mergulhem-se outra vez em água fria.

Faça-se o xarope e quando este estiver quente dê-se uma fervura às laranjas. Repita-se este processo dois dias seguidos e, no terceiro dia, escorram-se e deem-se em boídes.

A conserva de tangerinas faz-se do mesmo modo do que a das laranjas.

São as nossas acções que devem falar por nós; mais vale merecer louvores e recompensas sem as receber, do que recebê-las sem ser digno delas.

RAYARD

Inauguração do Monumento

AO

BOMBEIRO VOLUNTÁRIO

Alguns apontamentos
o dia 21 de Março

COMO prometemos, cá estamos a informar devidamente os nossos queridos leitores do que se vai passar, em Barcelos, no próximo dia 21 de Março.

*

O programa é dos melhores e tudo leva a crer que Barcelos vai ter, dentro dos seus muros, deputações de Bombeiros de todos os cantos do País... É preciso, portanto, recebe-los o melhor possível para que todos, ao partir, possam levar, nos olhos e nas almas, as mais belas e imorredoiras recordações.

*

Consta-nos que de Lisboa se desloca a Barcelos um comboio especial apinhadinho de patriotas, de amigos e de curiosos, que querem trazer o seu entusiasmo ou o seu baurrismo e, acima de tudo, os seus parabéns... Bem-vindos sejam todos quantos, irmanados nos princípios do bem, compreendem as nobres intenções e sabem apreciar os que a elas se dão...

*

Sabemos também, de fonte fidedigna, que o SNI mandará, a Barcelos, uma embaixada de fotógrafos recolherem nas suas câmaras os mais variados e sugestivos quadros de todo um programa que deve honrar, segundo cremos, as Comissões Pró-Monumento. Dentro em breve, portanto, podemos admirar nos cinemas os motivos da cerimónia inaugural do Monumento a que nos vimos referindo.

*

Consta-nos também que Sua Eminência o Snr. Cardeal Patriarca virá, nesse dia, até Barcelos, trazendo a magestade da sua presença numa auréola de fé...

*

Informaram-nos que as autoridades competentes estão a trabalhar no sentido de regularizarem o trânsito e impedirem, nesse dia, a mendicidade.

*

Pediram-nos para lembrar aos C. T. T. o favor de mandarem fazer, para o dia 21 de Março um carimbo comemorativo daquela data, engrandecendo assim o álbum do filatelista numa imagem do bombeiro Barcelense...

*

Outros números, outros quadros, algumas surpresas virão, de certo modo, aumentar e valorizar um dia que Barcelos saberá viver entusiasticamente.



Dirigida por JOSÉ PIRES BIGOTE

O Oquei do mês

O oquei patinado entrou no defeso, sendo portanto nula, este mês, a actividade do nosso Clube.

Infelizmente a actividade particular seguiu-lhe as mesmas pisadas. O mau tempo não permitiu nem sequer a realização de treinos, o que constitui um grande perigo, pois os atletas entram no campeonato com uma fraca preparação sendo os primeiros jogos sempre de pouco rendimento.

É nesta altura que a falta de riques cobertos se faz sentir. Porém estes, ainda estão na categoria de sonhos, que talvez um dia se transformem em realidade. Até lá apenas nos resta lamentar a falta que fazem.

Big



FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Após a jornada de Aveiro, o Gil Vicente numa boa partida venceu o Vianense por 2-0.

Resultado justo e jogo muito movimentado.

— No domingo seguinte deslocou-se a Lamego vencendo a equipa local por 4-1.

Os Lamecenses usaram de jogo bastante duro, mas mesmo assim, numa grande tarde, o Gil Vicente venceu.

— Igual sorte não os acompanhou na jornada seguinte, que se realizou em Barcelos. Jogando sempre abaixo das possibilidades e prejudicado pelo mau tempo, perdeu com o Tirsense por 3-2.

O resultado está certo.

— Contrariando as mais optimistas previsões o Gil Vicente foi arrancar a Famalicão dois pontos preciosos, conseguindo triunfar da dureza imposta pelo Famalicão, vencendo-o por 2-1.

*

Não conhecemos ainda os moldes em que serão disputados os campeonatos nacionais na próxima época.

O que é certo é que o Gil Vicente nas três jornadas que lhe faltam, tem de se empregar a fundo, para conseguir uma classificação que o livre de dificuldades,

Considerações

O oquei em patins é um desporto que exige do atleta que o pratica, uma perfeita coordenação de movimentos, reflexos rápidos e sobretudo uma cuidada preparação física, qualidades estas, que devem ser completadas com um elevado grau de espirito de equipa.

Entrou o oquei em patins no defeso, e automaticamente as equipas barcelenses pararam os poucos treinos que vinham realizando. Não está certo. Em Barcelos os grupos são constituídos por gente nova, com pouquíssimo contacto com o rink, e ainda com menos preparação física, sendo portanto esta falta uma manifestação imperdoável de desleixo dos responsáveis.

Não há por vezes nesta época, e porque o tempo não o permite, a possibilidade de utilização do rink do Parque para treinos. Estamos de acordo, porque na verdade no inverno é quase impossível a prática de oquei, porque fica transformado num verdadeiro lago.

Mas, e aqui é que reside a nossa discordância, com a atitude tomada pelos Clubes, pois para a preparação física e tática dos jogadores não é necessário um rink. Uma simples sala basta, e também, alguém que se disponha, a dirigir uma classe de ginástica, aliás bem precisa, e estudar com os rapazes táticas e regras de jogo que infelizmente são desconhecidas da maioria.

Deve-se procurar incutir neles o espirito de equipa e desenvolver a camaradagem que entre eles exista, fazendo principalmente com que nesta época o oquei não seja apenas uma vaga recordação, mas sim uma coisa palpável.

Era assim que estava certo, e é esta a única solução para aproveitar o defeso da maneira mais lógica e produtiva.

Que meditem os dirigentes sobre estas despretenciosas considerações, de quem pensa por vezes um pouco nos múltiplos problemas do oquei em Barcelos.

Pires Bigote

É preciso empregar agora todas as energias, para recuperar aquilo que se devia ter conseguido de início.

Estamos confiados que o conseguirão.

Vitória Sport Clube de Barcelinhos

Acaba de sair no "Diário do Governo" a aprovação de estatutos deste Clube.

Mais um que envereda pelo verdadeiro caminho, deixando as lides populares, para se dedicar a provas oficiais.

Que seja feliz no início da sua vida oficial, a bem de Barcelinhos e do Desporto, são os nossos votos.

Pê Efe

Auxiliar moral e materialmente o

Clube Desportivo da TEBE

é contribuir para um maior desenvolvimento do oquei em patins.

DENTRO E FORA DO RINQUE

Vai iniciar-se a época do Oquei

No próximo mês de Março vai principiar a época da modalidade no nosso Distrito.

Bom seria que a Associação de Patinagem do Minho estudasse o problema das deslocações dos Clubes, dividindo o campeonato em duas séries para se evitarem as dificuldades que surgiram no ano findo.



Poderá Barcelos manter 3 Clubes?

É quase certo que a modalidade virá a deixar de interessar na nossa cidade, se teimarem em manter três Clubes em actividade.

Não há dúvida que sendo o oquei um desporto para o qual poucos têm inclinação, e o material para a sua prática caríssimo, raramente se conseguem atletas que se evidenciem como jogadores.

Ora se em Barcelos se continuarem a dividir os poucos valores existentes, por 3 equipas, será impossível manter o interesse que a modalidade chegou a despertar.

*

N. R. — Não concordamos em absoluto com a teoria exposta por este nosso colaborador e amigo, pois que já nestas páginas defendemos uma absolutamente contrária, mas da maneira como alguns elementos directivos de Clubes barcelenses, conduziram este problema, parece-nos que realmente a única solução que resta, é desaparecer um Clube.



A falta de árbitros continuará?

Vai iniciar-se uma nova época e se no ano findo se fez sentir a falta de árbitros sérios e conhecedores, este ano o caso afigura-se muito pior.

Seremos forçados a "grammar" os senhores de Braga para todos os jogos, pois não há outros; e quando houver protestos dos Clubes, por más arbitragens, vamos ouvir como sempre: — "Os Clubes é que têm culpa; que inscrevam árbitros".

Em nossa opinião compete à A. P. M. resolver este problema e urgentemente.

Golpe Livre

PAINEL PUBLICITÁRIO

ESTES ANÚNCIOS NÃO PODEM SER REPETIDOS NOUTRA QUALQUER PUBLICAÇÃO

Sapataria Cunha

A Sapataria distinta que serve um público distinto a preços sem concorrência.

Calçar da **SAPATARIA CUNHA** é saber calçar... porque calçará bem.

Em **BARCELOS** — no Largo da Calçada

A Casa do Café,

tem um sortido finíssimo e esmerado de especiarias e outros artigos congêneres.

O café da **CASA DO CAFÉ** tem um paladar que fica.

É aromático e bom. Abençoado café.

RUA D. ANTÓNIO BARROSO

A cinta TEBE



é a elegância personificada

Ourivesaria da Póvoa

Do bom gosto ninguém zomba... Oiro em casa é um tesouro... No «Alfredo Pinto Lomba» Troca o dinheiro por oiro.

As malhas TEBE são padrões de beleza.

Impõem-se pela riqueza dos seus produtos manufacturados e pela perfeição do seu corte.

O acabamento não tem rival. Preferi-las é saber escolher.

SAMETIL — Um medicamento ao serviço da pele. Para eczemas.

Vilas Boas & Irmão, L.^{da}

Uma casa moderna ao serviço da elegância e da moda

Sempre padrões originais

PREÇOS CONVIDATIVOS — VENDE BARATO PARA VENDER MUITO

Tem alfaiate privativo de corte impecável

Em **BARCELOS** (Em frente ao Banco N. Ultramarino)

CASA CUNHA

DE

Félix Luís da Cunha

Uma sapataria de gosto distinto ao serviço do bom gosto e comodidade.

Calçar da **Casa Cunha** é calçar bem

Móveis Teles

BARCELOS

Uma casa de bons móveis, lindíssimos estilos, preços sem competência.

Manuel da Costa Ferreira Teles

Avenida Dr. Oliveira Salazar

Clube Desportivo da TEBE

COMUNICADO

A Direcção do Clube chama a atenção de todos os trabalhadores da TEBE para o que abaixo expõe, certa de que será bem acolhida por todos e de todos receberá o seu apoio.

Na época que findou foram considerados sócios do Clube todos os trabalhadores da TEBE quer fossem ou não assinantes do nosso «Boletim», e, como tal, tinham sempre entrada livre no rinquê do Parque da Cidade quando as organizações nos pertenciam.

Verifica-se, porém, que o nosso Clube tem forçosamente de aumentar as suas receitas a fim de poder fazer face às responsabilidades inerentes à manutenção da sua equipa nas provas a disputar na presente época, e uma das fontes de receita será a cotização dos sócios.

Nesta conformidade, não podemos, como até aqui, continuar a considerar sócios do Clube todos aqueles que trabalham na TEBE quer paguem cotas ou

não, pois aqueles, como é óbvio, têm que ter regalias que estes não podem nem devem usufruir.

E, assim, resolveu a Direcção do Clube, na sua última reunião, o seguinte:

1.º — Todos os trabalhadores da TEBE que desejem ser sócios do Clube terão de pagar mensalmente, além do custo do nosso «Boletim», a quantia de cinquenta centavos. Isto é, a sua cota mensal de um escudo e cinquenta centavos é desdobrada no custo do jornal, um escudo, e na contribuição directa para o Clube de cinquenta centavos.

Esta cotização diz respeito somente ao pessoal operário, porquanto o restante pessoal contribuirá, como até aqui, com as cotas estabelecidas.

2.º — Todos os sócios do Clube, para poderem beneficiar das regalias a que têm direito serão obrigados a possuir cartão de associado e a ter as suas cotas em dia.

3.º — Para lhe ser passado o cartão de associado terão que

entregar à Direcção uma fotografia.

Esperamos, pois, que todos os trabalhadores da TEBE sejam sócios do seu Clube, contribuindo assim para sua maior expansão e prestígio, como convém.

Queremos deixar bem esclarecido que só os sócios do Clube, possuindo o respectivo cartão, poderão beneficiar das regalias a que tiverem direito, muito especialmente no que diz respeito à entrada no rinquê do Parque da Cidade, porquanto deixarão de existir as entradas de favor.

Como temos sido sempre bem acolhidos, esperamos que também desta vez haja boa compreensão de todos, a fim de se evitarem contrariedades futuras.

Antecipadamente agradece

A DIRECÇÃO

Anuncie no nosso «Boletim»

Anunciar neste «Boletim» é ter a certeza de saber fazer valer os seus artigos.

Os nossos amigos

A juntar aos nomes daqueles que se têm dignado contribuir para maior engrandecimento e expansão do nosso modesto Clube, prova insofismável de quanto o mesmo é querido de todos, temos a honra de enumerar hoje mais os nossos seguintes amigos:

Sociedade de Anilinas, Ld.^a — Fornecedora da TEBE dos célebres tintos Indanthren, e de outros mais, quis contemplar-nos com a quantia de Esc. 500\$00, contribuindo assim para a realização de tantas das nossas aspirações.

Quimicor, Sarl — Outro grande fornecedor de anilinas, e, claro está, outro nosso bom Amigo. A sua gentil contribuição de quinhentos escudos muito há-de aumentar as probabilidades de levarmos à frente os nossos projectos.

João Manuel Lopes & C.^a, Ld.^a — Por intermédio do Dig.^{mo} Sócio Gerente, Ex.^{mo} Snr. João Manuel Lopes, tivemos a satisfação de receber desta firma, muito conhecida nos meios industriais como fornecedor de produtos químicos de excelente qualidade, a generosa oferta da quantia de 1.000\$00.

A todos um sincero muito obrigado, e os desejos das maiores prosperidades para que possam ajudar sempre as boas causas, como é a nossa.

Bem hajam, pois.



APONTAMENTOS para a História da Poesia

Por A. B.

(Continuação)

Camões no género lírico

O amor fonte criadora da sua inspiração

O mundo psíquico de Camões, com o seu sangue euro-árabe, torna-o um caso à parte no cenário da história da nossa poesia.

Camões não amou só uma mulher, Camões amou a mulher no que ela tem de mais nobre, de mais sublime, de mais sentimental... Havia uma necessidade inata na sua natureza predisposta a novas e constantes paixões. Eram essas paixões, eram esses arroubos sentimentais que o erguiam a alturas tão sublimes, bem patentes ao longo de todo um lirismo, que a história literária nos legou como penhor sagrado do seu platonismo, por vezes manifestado nas rondilhas, nas elegias e nas canções.

As líricas de Camões, coligidas depois da sua morte, são testemunho bem patente de quanto um poeta pode amar.

Sim! Um poeta pode amar mesmo em silêncio. É nesse silêncio exterior que a natureza redobra de intensidade o volume intrínseco de paixões e de desejos, de sinceridades e de renúncias...

Já a consagrada erudita Carolina Michaëllis de Vasconcelos afirmava assim:

"Quem tiver inteligência e coação para a verdadeira poesia, não pode deixar de pôr o lírico Luiz de Camões a-par dos maiores poetas de todos os tempos. Se, porém, já convencido disto, considerar de mais perto os *Sonetos*, e souber apreciar as *Rondilhas*, que são quase sem excepção fulgurantes pedras preciosas, sentindo-lhes e gozando-lhes o sabor nacional — então não lhe pareceria excessiva a opinião de que Camões está acima dos maiores poetas líricos das nações latinas modernas, acima de Dante, Petrarca, Ariosto e Tasso."

Não há dúvida alguma que o lirismo de Luís de Camões penetra demoradamente na nossa alma e deixa adivinhar quadros e quadros com fundos harmónicamente humanos, donde saltam, em verdades suavíssimas, todas

(Continua na página 9)

Homens & Factos de Outrora

Os Borges de Creixomil e «as trapalhadas genealogicas de Sanches de Baena».

Z, que nas colunas de «O Barcelense» nos tem dado utilísimos apontamentos sobre coisas do nosso velho *burgo*, publicava há tempos na sua secção «Intra Muros» daquele semanário, entre outros, o documento com o qual o ilustre investigador barcelense Dr. António Ferraz, na alteração da toponímia de Barcelos em 1901, justificava a proposta para que à antiga Rua da Nogueira fosse dada a denominação de Filipa Borges.

Esta circunstância e a amabilidade do meu amigo e gentilíssimo espírito Sr. António Baptista solicitando-me colaboração para a Boletim da «Tebe», sugeriram-me algumas considerações, que outra intenção não têm que não seja dar publicidade nas páginas de um periódico de Barcelos, ao nenhum crédito que a biógrafos responsáveis de Gil Vicente, mereceram as «trapalhadas genealogicas de Sanches de Baena» (1), que conduziram o Senhor Dr. António Ferraz a fundamentar a homenagem ao criador do Teatro em Portugal, prestada na pessoa de sua mãe, pretensamente natural de Barcelos e oriundo dos Borges de Creixomil.

Nenhum demérito, porém, pode por isso ser atribuído ao erudito barcelense. O próprio Dr. Teófilo Braga não foi estranho à influência do visconde de Sanches de Baena; e o opúsculo «Gil Vicente», deste linhogista, publicado em 1894, que pretendeu liquidar a velha questão vicentina em volta da identificação do poeta com o ourives, descreve-nos a genealogia do trovador quinhentista com tal soma de minúcias que «todo este aparato genealógico deslumbrou, fascinou o Dr. Teófilo Braga; e a tal ponto, que o denodado combatente da identificação se converteu no defensor não menos caloroso da dualidade do seu livro Gil Vicente e as origens do teatro nacional, publicado em 1898» (2).

Resumamos as lucubrações do visconde, a partir do ponto que interessa ao objectivo desta crónica:

Luiz Vicente, ourives em Guimarães, casou com Filipa Borges, natural de Barcelos e descendente dos Borges de Creixomil. Nasceram desse matrimónio três filhos: Gil Vicente, o poeta,

(Continua na página 2)

RUMO AO FUTURO

*Mais um ano volvido, num momento,
Tudo morre depressa pela estrada,
feita de rugas fundas, p'la enxurrada,
Das lágrimas de dor... do sofrimento.*

*Mais outro ano... um ano de incerteza...
O que virá, meu Deus doutras fronteiras...
Sulcadas de canhões e de barreiras,
Certamente mais dor e mais pobreza!...*

*Mas seja com for, inunda a terra
de Sol, de fé, de amor e de ternura,
E afasta dos meus olhos outra guerra:*

*A guerra da miséria mais escura
Agrilhoada no sangue que se encerra
Na vastidão da fome qu'inda dura.*

António Baptista

À GUIA DE EXPLICAÇÃO

ESCREVER para um jornal como é nosso Boletim, constitue sempre um problema difícil, pois temos de ponderar que se trata de uma publicação cujo lema é «De trabalhadores para trabalhadores».

Qualquer assunto que se abordar terá sempre de ser apresentado de maneira simples e acessível (no dizer de alguns), porque de contrário estaremos sujeitos a que seja intitulado: «...um jornal mais para intelectuais do que para trabalhadores», sendo sobre este tema apresentadas as críticas mais variadas, todas elas demonstrativas, que aqueles que as fazem ainda não compreenderam bem o motivo da sua criação.

Para estes foi escrito especialmente este artigo, com a finalidade expressa de procurar explicar mais detalhadamente a função cultural e educativa do Boletim Social da Tebe.

No número anterior, alguém que se ocultou sob o pseudónimo de «W» focou esse ponto e afirmou: «Um jornal de trabalhadores não pode descer, de certo modo, até eles em campo raso; mas sim eles (trabalhadores) é que têm de subir, embora a custo, à própria essência do jornal». Assim é na verdade. O nosso objectivo é este, e não podíamos de forma alguma apresentar um Boletim exclusivamente para trabalhadores, pois cairíamos numa monotonia de assuntos e de estilo, que em nada contribua para a elevação da cultura do operário. Este deve gradualmente procurar compreender aquilo que nele se escreve, porque só desta maneira poderá começar a sua preparação, para uma cultura mais sólida.

Não nos interessa que o operário decore esta ou aquela definição de carácter científico; que assimile totalmente esta ou aquela dissertação literária; que compreenda à letra este ou aquele artigo, escrito à base de vocábulos mais ou menos rebuscados.

Não queremos transformá-lo num estudioso na verdadeira acepção da palavra, nem forçá-lo a digerir conhecimentos científicos, inúteis para ele na vida prática; não desejamos que ele se embrenhe em assuntos literários, que não pode conhecer a

(Continua na página 9)